

# Muro ainda ameaça 20 famílias em Jucutuquara

AJ19529

Fotos de Nestor Muller



*Técnicos e operários da prefeitura vistoriaram o muro de arrimo e não conseguiram determinar as causas do acidente de domingo*

Mais vinte famílias tiveram que abandonar suas casas ontem à tarde por estarem ameaçadas pelo muro de arrimo construído pela Prefeitura de Vitória, como obra de contenção na rua João Francisco Monjardim, no morro da Cobal, Jucutuquara, que cedeu na noite de domingo arrastando com ele parte da via pública e destruindo três residências. O secretário de Obras da PMV, Pedro Augusto de Sá, afirmou que as causas do acidente ainda são desconhecidas mas que a Prefeitura é responsável por tudo que acontece na cidade. "Ela só não pode ser responsabilizada por um desabamento como este", assinalou.

Nas ruas João Francisco Monjardim e João Gallerani — envolvidas no acidente — o clima entre os moradores era de desespero e angústia. Espalhados pelas calçadas, os móveis e objetos que restaram das residências atingidas. Parentes e vizinhos foram totalmente mobilizados no socorro e atendimento às famílias que tiveram de encontrar uma outra casa para se instalarem. Durante todo o dia, a procura por imóveis disponíveis para aluguel foi grande. Poucos tiveram sucesso. A maioria teve mesmo que se alojar na casa de amigos até que a PMV encontre uma solução para o problema.

## Justiça

Até o princípio da noite de ontem, a Prefeitura de Vitória não tinha fornecido aos moradores qualquer esclarecimento sobre as causas do acidente. O muro de arrimo foi construído há 12 anos pela PMV logo após ter ocorrido um desabamento semelhante ao de domingo no mesmo local. A moradora Maria Angélica Zago acusou a PMV de ser responsável pelo acidente, pois na quinta-feira o engenheiro responsável pela terceira região, na qual está incluído o bairro de Jucutuquara, esteve no local fazendo uma vistoria, a pedido da população que temia o desabamento, e afirmou que não existiam riscos.

Por volta das 20 horas de domingo — três dias depois do engenheiro da Prefeitura ter ido ao local — parte do muro desabou destruindo totalmente a casa do técnico industrial Carlos Alberto Dias, que conseguiu prever o acidente e retirou sua mulher e dois filhos, levando-os para a casa de seus pais na Ilha de Santa Maria. As casas de Edson Costa Rodrigues, Adilson Machado de Castro e Napoleão Gonçalves de Souza também foram destruídas.

Adilson Machado de Castro disse que é impossível, no momento, calcular os prejuí-

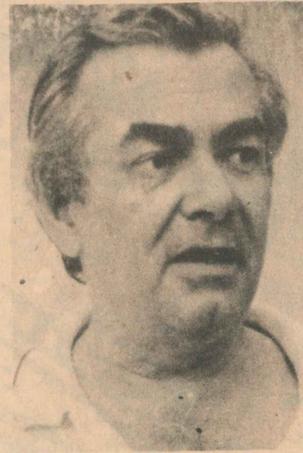
zos que o desabamento lhe causou. Ele estima em cerca de Cz\$ 3 milhões porque no local funcionavam um escritório de contabilidade e uma microempresa de doces e salgados. Sua mulher, Marlete Machado de Castro, enquanto auxiliava o pessoal a colocar parte dos objetos que foram possíveis de ser retirados de dentro de casa no caminhão de mudanças, lamentava a destruição de todos os equipamentos da sua cozinha industrial. "Algumas peças eu comprei nesta semana. A Prefeitura terá que nos indenizar a todos", disse ela.

O muro cedeu, destruiu quatro casas juntas sem causar vítimas. Isto porque alguns moradores da João Francisco Monjardim perceberam que a rua estava ruindo e começaram a gritar que o muro ia cair. Diante do alarme, as pessoas que se encontravam dentro das residências tiveram tempo de deixar as casas, irem para a rua e assistir à queda.

Diante dos prejuízos causados pelo desabamento, os moradores decidiram que vão entrar com ação na Justiça contra a Prefeitura de Vitória. "Nós não temos mais condições de voltar a morar neste lugar. E quem vai querer comprar nossos imóveis", lamentou Maria Brunoro Zago. O Corpo de Bombeiros esteve no local e cercou a área que ainda corre risco de desabamentos da parte restante do muro e advertiu os moradores que eles deveriam deixar suas casas imediatamente. Diante dos riscos, a população evacuou a área deixando as casas fechadas com todos os objetos. Os que encontraram uma outra opção de moradia fizeram logo a mudança.

A Polícia Militar destacou para o local um 'trailler' com dois soldados de plantão permanente para vigiar as residências da ação dos assaltantes. Eles devem permanecer na área até que todos os problemas sejam resolvidos. Os moradores acusaram a Prefeitura de negligente e omissa, porque desde cedo que representantes da comunidade têm procurado com insistência os técnicos, prefeito e secretário de Obras da PMV sem serem recebidos por qualquer um deles, como disse Maria Angélica Zago.

No local, só compareceram o secretário de Obras, numa rápida visita pela manhã, o de Serviços Urbanos, Robson Leite do Nascimento, e a chefe do Serviço de Defesa Civil municipal, Héliida Rocha, que ofereceu às famílias ameaçadas o Centro Comunitário de Andorinhas. Os moradores revoltados com a oferta da PMV disseram que não têm condições de efetuar suas mudanças para o local oferecido e que esperavam mais por parte da PMV.



**Castro: muitos prejuízos**



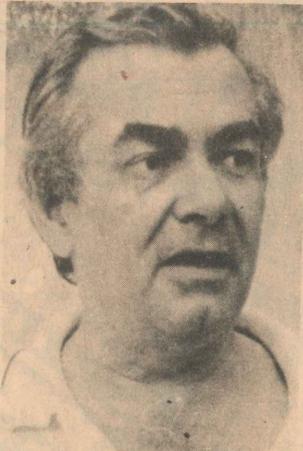
**Sá: sem responsabilidade**



**Zago: reclamações**



Muitas famílias ameaçadas deixaram ontem o local



Castro: muitos prejuízos



Sá: sem responsabilidade



Zago: reclamações

responsável pelo acidente, pois na quinta-feira o engenheiro responsável pela terceira região, na qual está incluído o bairro de Jucutuquara, esteve no local fazendo uma vistoria, a pedido da população que temia o desabamento, e afirmou que não existiam riscos.

Por volta das 20 horas de domingo — três dias depois do engenheiro da Prefeitura ter ido ao local — parte do muro desabou destruindo totalmente a casa do técnico industrial Carlos Alberto Dias, que conseguiu prever o acidente e retirou sua mulher e dois filhos, levando-os para a casa de seus pais na Ilha de Santa Maria. As casas de Edson Costa Rodrigues, Adilson Machado de Castro e Napoleão Gonçalves de Souza também foram destruídas.

Adilson Machado de Castro disse que é impossível, no momento, calcular os prejuí-

dos assaltantes. Eles devem permanecer na área até que todos os problemas sejam resolvidos. Os moradores acusaram a Prefeitura de negligente e omissa, porque desde cedo que representantes da comunidade têm procurado com insistência os técnicos, prefeito e secretário de Obras da PMV sem serem recebidos por qualquer um deles, como disse Maria Angélica Zago.

No local, só compareceram o secretário de Obras, numa rápida visita pela manhã, o de Serviços Urbanos, Robson Leite do Nascimento, e a chefe do Serviço de Defesa Civil municipal, Héliida Rocha, que ofereceu às famílias ameaçadas o Centro Comunitário de Andorinhas. Os moradores revoltados com a oferta da PMV disseram que não têm condições de efetuar suas mudanças para o local oferecido e que esperavam mais por parte da PMV.

## Hermes quer conhecer as causas

O prefeito de Vitória, Hermes Laranja, faz hoje uma visita, às 10 horas, ao local do desabamento do muro de arrimo na rua João Francisco Monjardim, em Jucutuquara. Somente depois de conhecer as causas do acidente é que ele se pronunciará a respeito das indenizações que deverão ser pagas às 20 famílias atingidas direta ou indiretamente pela queda do muro e que foram obrigadas a abandonar a área.

Segundo o secretário de Obras, Pedro Augusto de Sá, a análise sobre as causas do desabamento será muito difícil de ser executada. Para tanto, foi convidado o engenheiro paulista Paulo Machado, responsável pela construção do muro há 12 anos, para que participe do processo de avaliação junto com os técnicos da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Por enquanto, Pedro Augusto de Sá não sabe nem por onde começar as obras de reconstrução do muro.

### Riscos

A construção de uma cortina atirantada como obra de contenção na rua João Francisco Monjardim — onde já tinha ocorrido um acidente semelhante há 12 anos — foi aprovada pelos engenheiros como solução para o problema de desabamento. Os serviços foram executados por uma empreiteira, hoje desativada. “Tecnicamente a solução era a ideal. Nós não temos condições de afirmar porque o muro cedeu. Por isso, vamos proceder a um levantamento detalhado das possíveis causas para depois nos pronunciarmos a respeito”, disse o secretário.

Segundo o secretário, é impossível detectar a possibilidade de um desabamento numa obra de muro de arrimo como o do morro da Cobal num simples olhar. “As causas do acidente são variadas e difíceis de serem detectadas. No entanto, elas precisam ser identificadas com urgência, pois o resto do pavimento corre risco de desabar. Até mesmo o acesso à execução das obras de reconstrução está difícil, pois existem riscos de desmoronamentos

que podem atingir os trabalhadores”, salientou Pedro Augusto.

A Prefeitura de Vitória é responsável por tudo o que acontece na cidade, segundo o secretário de Obras, mas não pode ser responsabilizada pelo desmoronamento. Inicialmente, ele tinha dito que a PMV é responsável por tudo que constrói e que, quanto à indenização dos moradores atingidos, não caberia ao Secretário de Obras emitir uma opinião, e sim ao departamento jurídico da PMV. O procurador-geral da Prefeitura, Armando Elias Tackla, no entanto, não quis falar sobre o assunto.

### Escombros

O secretário de Serviços Urbanos, Robson Leite do Nascimento, disse que ainda não sabe como será executado o processo de retirada dos escombros. “A situação está muito difícil e delicada. Vamos esperar pelo laudó definitivo sobre o desmoronamento, suas causas e consequências para depois darmos início ao trabalho. Os nossos equipamentos já se encontram de prontidão”, disse ele.

Hermes Laranja explicou que durante o dia esteve envolvido com problemas graves de saúde na sua família e que por este motivo foi impedido de ir até o local do acidente. Não quis fornecer qualquer parecer sobre o encaminamento que será dado ao caso daqui por diante e, segundo ele, o mais indicado é esperar pelo resultado do laudo sobre as causas do desmoronamento. “Amanhã (hoje) eu vou até o local para conversar com os moradores e conhecer de perto as dimensões do problema”, salientou.

O comandante do Corpo de Bombeiros, coronel Willis Junquillo, esteve pessoalmente no local do acidente advertindo a população para que evacuasse a área delimitada pelos policiais e que oferece maior risco. Segundo ele, os militares chegaram à João Francisco Monjardim no momento em que o muro estava caindo. “Nós cercamos a área que ainda oferece riscos e exigimos que a população deixasse o local”.